

Índios brigam com o roqueiro Sting

Cacique diz que Sting é estrela decadente e vai dar boas vindas só a Milton Nascimento

ALTAMIRA — Os índios do Xingu, que desde segunda-feira estão reunidos em Altamira, a 500 quilômetros de Belém, para discutir a construção das usinas hidrelétricas na Amazônia, acabaram brigando ontem com o roqueiro inglês Sting. "O que você veio fazer aqui?", perguntou, em tom ríspido, o cacique Paulinho Paiaçá, líder dos índios caiapós. "Queremos saber se você veio nos apoiar ou só aparecer", insistiu.

Desconcertado, Sting, que chegou a Altamira anteontem, apelou para sua conhecida amizade com o cacique dos índios Txucarramãe, Raoni. "Acho que o fato de chegar aqui com Raoni já demonstra minha solidariedade com vocês", respondeu. Até agora, no entanto, Sting, que se encontrou com o presidente Sarney no final de semana, tem se recusado a criticar a construção das usinas no Xingu, como querem os índios. "Eu não posso dar uma declaração a favor ou contra a barragem", explicou Sting ao cacique Paiaçá. "Não conheço o problema e posso apenas pedir ao governo que estude outras alternativas de geração de energia", acrescentou.

Sting partiu ontem mesmo de Altamira, sem pisar no local do encontro. Preferiu ficar na cidade, junto com o diretor francês Jean Pierre Deautelier e os caciques Raoni e Megaron. Desde sua chegada, anteontem,

houve um clima de hostilidade contra ele entre os demais índios. Antes de sair do Brasil, ontem, Sting anunciou que sobrevoaria os garimpos da região. "Sting é uma estrela que perdeu a luz", comentou o cacique Paiaçá, depois da partida do roqueiro. Melhor acolhida entre os índios deverá ter o compositor brasileiro Milton Nascimento, que prometeu chegar a Altamira amanhã.

TUMULTO

O presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, foi recebido com uma chuva de vaias ontem no Centro Comunitário de Altamira, onde tentou falar para cerca de 1.500 pessoas. "Foi a presença aqui de representantes do governo que garantiu a segurança desse encontro", argumentou Fernando César. "Se não fosse isso, o encontro poderia se transformar num palco de guerra", acrescentou. Apesar das vaias, tanto as lideranças indígenas quanto os representantes da União Democrática Ruralista (UDR), que são favoráveis à construção de usinas, concordaram com ele.

Fernando César ficou indignado com o incidente ocorrido no dia anterior, quando o diretor de Engenharia e Planejamento da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes, foi ameaçado por índios com bordunas e facões em punho no momento em que anunciou a decisão do governo de manter a construção das hidrelétricas. "É preciso haver transigência", ponderou Fernando César. "Este encontro é muito importante para o futuro do Brasil", acrescentou.

Carajás pode perder verbas

ALTAMIRA — O deputado do Parlamento europeu, o belga Paul Staes, informou ontem ao presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, que o governo brasileiro poderá ficar sem os US\$ 600 milhões que faltam para completar as obras do projeto Grande Carajás por ter desrespeitado cláusulas de defe-

sa ambiental do contrato. O Parlamento europeu reúne países-membros da Comunidade Econômica Européia.

Fernando César disse que se isso acontecer será um "desastre para o País". Durante um diálogo agressivo, o presidente do instituto declarou ao deputado que o Brasil precisa de "grandes projetos econômicos".

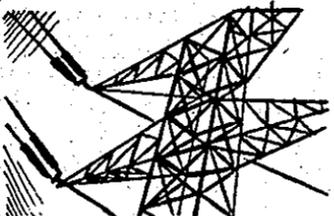
Os motivos da polêmica

O que está em discussão no encontro entre índios e autoridades, em Altamira



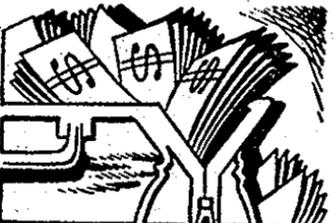
Usinas do Xingu

O governo pretende construir seis hidrelétricas na bacia do Rio Xingu. Elas formariam seis grandes lagos sobre a floresta amazônica, com uma superfície total de 18 mil km². É uma área quase do tamanho do estado do Sergipe.



Energia

Juntas, essas seis usinas produzirão 17,6 milhões de kilowatts. Essa energia representa uma vez e meia a produção da maior usina brasileira, a de Itaipu, que produz 12,6 milhões de kilowatts, dos quais a metade é destinada ao Paraguai.



Custo

Para construir todas essas usinas, o Brasil teria que gastar 10,6 bilhões de dólares, pouco menos de 10% do total da dívida externa brasileira. Esse custo não inclui as linhas de transmissão para levar essa energia aos centros consumidores.



Áreas indígenas

Os seis lagos dessas usinas inundariam parte das reservas de seis povos indígenas no Rio Xingu: Arara, Asurini, Juruna, Karáao, Parakanã, Xicrin e Xipaja-Curuaia. Pelas leis brasileiras, essas reservas são intocáveis. Não podem ser invadidas nem por posseiros, nem por garimpeiros e nem por águas de lagos artificiais, a menos que o governo tenha uma autorização expressa do Congresso Nacional.



Ecologia

Os lagos artificiais na Amazônia além de invadir as áreas indígenas, inundam áreas ocupadas pela floresta nativa. Como a Amazônia é uma planície, os lagos cobrem áreas muito grandes e provocam desequilíbrio no ecossistema da floresta.

Papa deseja sucesso à reunião

ALTAMIRA — O secretário de Estado da Santa Sé, cardeal Agostino Casaroli, enviou ontem ao bispo do Xingu, dom Erwin Krautler, um telex em nome do papa João Paulo II no qual deseja aos índios da região "feliz solução para os múltiplos problemas desses homens irmãos". A mensagem diz ainda que o papa está rezando e acompanha o encontro com "afeto em Cristo".

O representante da prelaça do Xingu na reunião, padre Ângelo Pansa, definiu o ponto de vista do Vaticano como de "solidária presença espiritual". Para o padre seria um alívio ver frustrados os planos da Eletronorte que desde 1973, quando começaram os estudos para a construção de hidrelétricas na região, já os considerava como o "grande projeto do terceiro milênio".

A usina de Belo Monte, na verdade, está adiando as discussões sobre a hidrelétrica de Babaquara que, alertou o padre, inundará área equivalente aos lagos de Sobradinho, Tucuruí e Itaipu somados (seis mil quilômetros quadrados). Ele não acredita quando a Eletronorte afirma ter retirado Babaquara de seus programas. O padre Ângelo Pansa denunciou estar em funcionamento dois acampamentos da empresa na região de Babaquara, a dez quilômetros de Altamira, e lamentou que os trabalhos sobre impacto ambiental das cinco hidrelétricas que deverão formar o complexo Xingu, estejam sob a responsabilidade do Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores, empresa comprada recentemente pela empreiteira Camargo Corrêa.

Progresso virá com usinas, diz a UDR

ALTAMIRA — O Movimento Pró-Cararáo reuniu ontem a imprensa para apresentar os "problemas sociais" da cidade. "Queremos progresso, asfalto, escolas, hospitais e o governo federal só nos dará isso com a barragem", alertou o fazendeiro Wanderlan de Oliveira Cruz, presidente da seção local da União Democrática Ruralista (UDR). Ele é católico, como a maioria dos cem mil habitantes da cidade, e disse não ter ficado impressionado com o apelo dado aos índios. Ele acredita que só conseguirá seu objetivo "em troca de alguma coisa". O projeto da hidrelétrica não satisfaz a população de Altamira, disse Wanderlan. No seu entender, o plano só seria perfeito se atendessem às necessidades do município que hoje, segundo ele, só tem poeira, milhares de buracos nas ruas e miséria. "Fomos abandonados", desabafou.

A declaração do presidente

local da UDR sensibilizou o presidente nacional do Partido Verde, Fernando Gabeira, que se comprometeu a "lutar por Altamira". De acordo com Gabeira, o programa energético do País não está nas mãos do presidente José Sarney nem de seus técnicos de confiança. E disse acreditar que o próximo presidente brasileiro poderá escolher projetos de construção de usinas que beneficiem várias regiões do País.

Gabeira, que disse simpatizar com as propostas da UDR, porque a entidade apresenta "posição contrária ao governo", acredita que atualmente a força dos defensores do progresso a qualquer custo vem diminuindo. Ele apresentou como prova dessa afirmação o fato de a UDR ter investido NCz\$ 8 mil na campanha a favor da hidrelétrica contra os US\$ 100 mil com os quais os índios contaram para realizar o encontro.

Índios expulsam Sting de Altamira

O roqueiro inglês Sting brigou ontem com os índios do Xingu que estão reunidos em Altamira, no Pará, para protestar contra a construção de uma hidrelétrica na região. "O que você veio fazer aqui?", perguntou a Sting o cacique

Paulinho Paiakan. "Veio nos apoiar ou só aparecer?", insistiu. O cantor respondeu que estava solidário com seus anfitriões e deixou a cidade. Amanhã chega o compositor Milton Nascimento. Os índios prometem uma festa. Página

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

...os índios contaram pa-
ra realizar o encontro.